

Educomunicação Sonora em Rondônia

Educomunicación Sonora en Rondônia

Sound Educommunication in Rondônia

Evelyn Iris Leite Morales Conde

Resumo

A linguagem sonora é um convite à imaginação, criatividade, organização de ideias e muita sensibilidade. Este artigo demonstra a base conceitual e prática que abrange as atividades de educomunicação sonora vinculadas ao Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania (REC), da Universidade Federal de Rondônia (Unir), com objetivos de facilitar os processos de comunicação dialógica e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços de educação formal, não formal e informal, por meio de produções protagonizadas por diferentes participantes das ações. A pergunta que move as ações extensionistas apresentadas neste trabalho é: como fazer com que a linguagem sonora, sozinha, completa ou “incompleta”, chame a atenção das pessoas, a partir de métodos da educomunicação? Como resultado, notamos engajamento dos sujeitos participantes, que estavam mais acostumados com o universo dos vídeos, e perceberam a potencialidade do áudio para criação e reverberação de expressões referentes às demandas comuns de seus espaços.

Palavras-chave: comunicação; linguagem sonora; educação; educomunicação; Rondônia.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 30/06/2025 aceito em: 10/08/2025.

>> **Como citar este texto:**

CONDE, Evelyn Iris Leite Morales. Educomunicação Sonora em Rondônia. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 02, p. 34-58, mai./ago. 2025.

Sobre a autoria

Evelyn Iris Leite Morales
Conde
evelyn13morales@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4315-6465>

Jornalista, docente pesquisadora do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Educação (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. Líder do grupo de pesquisa e extensão Rádio, educação e Cidadania (REC) da UNIR.

Resumen

El lenguaje sonoro invita a la imaginación, la creatividad, la organización de ideas y una profunda sensibilidad. Este artículo demuestra la base conceptual y práctica que abarca las actividades de educomunicación sonora vinculadas al Grupo de Investigación y Extensión Radio Educación Ciudadanía (REC) de la Universidad Federal de Rondônia (Unir). Nuestros objetivos son facilitar los procesos de comunicación dialógica y fortalecer los ecosistemas comunicativos en entornos educativos formales, no formales e informales. Esto se logra a través de producciones lideradas por diversos participantes en estas iniciativas. La pregunta que impulsa las acciones de extensión presentadas en este trabajo es: ¿cómo podemos hacer que el lenguaje sonoro, solo, completo o “incompleto”, atraiga la atención de la gente, utilizando métodos educomunicativos? Como resultado, observamos un fuerte compromiso de los individuos participantes, que inicialmente estaban más acostumbrados al mundo del video, reconocieron el importante potencial del audio para crear y reverberar expresiones relacionadas con las demandas comunes dentro de sus entornos.

Palabras clave: comunicación; lenguaje sonoro; educación; educomunicación; Rondônia.

Abstract

Sound language invites imagination, creativity, the organization of ideas, and deep sensitivity. This article demonstrates the conceptual and practical foundation encompassing sound educommunication activities linked to the Radio Education Citizenship (REC) Research and Extension Group at the Federal University of Rondônia (Unir). Our objectives are to facilitate dialogic communication processes and strengthen communicative ecosystems in formal, non-formal, and informal educational settings. This is achieved through productions led by various participants in these initiatives. The question that drives the extension actions presented in this work is: how can we make sound language, alone, complete or “incomplete”, attract people’s attention, using educommunication methods? As a result, we observed strong engagement from individuals participants, who were initially more accustomed to the world of video, recognized the significant potential of audio for creating and reverberating expressions related to the common demands within their environments.

Keywords: communication; sound language; education; educommunication; Rondônia.

Procurando a sintonia...

Por que a linguagem sonora nos motiva, em tempos de forte apelo visual? Nossa resposta é o desafio de uma prática apaixonada pelas sonoridades engajadas, assimiladas pelo sentido de uma audição interessada nas relações com as outras pessoas, e pela apreensão de que a comunicação sonora na educação é uma alternativa para facilitar domínios essenciais ao ser humano: cognitivo, ao pesquisar e conhecer novos conteúdos para os *podcasts* e reportagens; psicomotor, com as habilidades de escrita e fala; e afetivo, com o trabalho coletivo e colaborativo nas pautas sonoras (Consani, 2007).

Nossa sintonia se afina à reflexão de Rudolf Arnheim, no escrito O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos, de 1936, traduzido por Eduardo Meditsch para composição da obra Teorias do Rádio: textos e contextos, publicada em 2005. Um trecho instigante sobre o contexto do som e da imagem tem nos guiado.

A arte radiofônica parece sensorialmente deficiente e incompleta diante das outras artes – porque ela não conta com o nosso sentido mais importante, que é a visão. [...] Por outro lado, no rádio, o pecado da omissão é muito mais explícito. O olho sozinho dá uma imagem bastante completa do mundo, mas o ouvido sozinho fornece uma imagem incompleta. Portanto, torna-se uma grande tentação para o ouvinte, ‘completar’ com sua própria imaginação o que está ‘faltando’ tão claramente na transmissão radiofônica. [...] E, no entanto, nada lhe falta! Pois a essência do rádio consiste justamente em oferecer a totalidade somente por meio sonoro. Não no sentido exterior, de incompletude, segundo a visão naturalista, mas fornecendo a essência de um evento, uma ideia, uma representação. Todo o essencial está lá – e neste sentido um bom programa de rádio é completo [...] (Arnheim, 2005, p. 62).

A comparação de meados do século passado não está distante da aceleração dos tempos atuais, guardadas as devidas características da conjuntura social e também técnica da época dos escritos. Em 2025, ano em que produzimos este texto, são as telas de *smartphones*, computadores pessoais e *smart TVs* que impulsionam as plataformas de *streaming* audiovisual, de modo alucinante, muitas vezes sem pausas para o silêncio, contemplação e reflexão.

Como fazer com que a linguagem sonora, sozinha, completa ou “incompleta” - como Arnheim nos ajuda a refletir - chame a atenção das pessoas? Como instigar ao som para uma experiência diferente da exploração apenas visual e um tanto agitada?

São estas perguntas que nos levam a ajustar a sintonia das ações extensionistas de educomunicação sonora do Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania (REC), da Universidade Federal de Rondônia (Unir), ao exercício do estímulo à produção de conteúdo sonoro, em vivências que facilitam os processos de diálogos horizontais, trocas de ideias e experiências em produções colaborativas e criativas entre estudantes das redes básica e superior de ensino em Rondônia, e participantes nos espaços de educação informal presentes em nossas trilhas.

A educomunicação é parte deste caminho, por entendermos que sua abordagem busca transformações sociais para o exercício da expressão e da “[...] ampliação do número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação” (Soares, 2014, p. 24). As vozes reverberadas em cada processo de produção nos interessam, pois amplia também as nossas relações com os outros e com o mundo.

Os objetivos destes escritos são apresentar as estratégias do grupo REC nas ações extensionistas; expressar como compreendemos os processos de relações e expressões dos sujeitos participantes; e relacionar, de modo indicativo, a prática educ comunicativa sonora com os objetivos pedagógicos *conteúdos, habilidades e atitudes* dos sujeitos e suas subjetividades.

Assim, contaremos sobre nossa práxis no campo da educomunicação sonora em Rondônia, Amazônia brasileira, como forma de demonstrar a importância da criação e do fortalecimento dos ecossistemas comunicativos (Soares, 2011) nos ambientes em que o rádio, a educação e a cidadania movimentam as atividades do grupo REC da Unir.

Trilha metodológica

Refletimos as ações com o objetivo de demonstrar as diferentes formas de relações e expressões nos projetos desenvolvidos pelo grupo REC, no contexto da produção coletiva sonora com foco na cidadania em movimento. Com base em revisão de literatura, abordamos conceitos e técnicas que perpassam nossas atividades, com apoio nos escritos de Freire (1971, 1997, 2006), Martín-Barbero (2014), Soares (2011, 2014) e Consani (2007, 2024).

No campo empírico, realizamos uma descrição crítica com ênfase na síntese de três ações extensionistas: projeto de extensão Educomunicação Sonora nas Escolas; curso Educomunicação Sonora para CidadaneAR, com juventudes indígenas, em parceria com as organizações Kanindé e Ecoporé; e o projeto de extensão Jornada Regional de Educomunicação: somos as vozes da terra, águas e florestas, com destaque ao Estúdio-Floresta REC, estratégia comunicativa sonora materializada na Terra Indígena Aperoí, do povo Puruborá, no município de Seringueiras, interior de Rondônia.

Nossas reflexões são amparadas na apreensão da educomunicação como uma abordagem que proporciona a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos (Soares, 2011) nos espaços de trocas de experiências e diferentes aprendizagens, com a criação de vínculos e protagonismo dos sujeitos, com prioridade à comunicação dialógica, reflexão e criticidade nos processos coletivos de produção comunicativa mediada por tecnologias da comunicação e informação.

O texto está dividido em seções que trazem reflexões iniciais sobre a oralidade e as relações dos sujeitos em atividades que envolvem a linguagem sonora; elementos referentes às atividades extensionistas organizadas pelo grupo REC, que interrelacionam linguagem sonora, rádio e educomunicação; breve descrição crítica das ações extensionistas; e considerações possíveis referentes às estratégias do trabalho desenvolvido pelo grupo em Rondônia.

Caminhar, falar e comunicar

Fazemos aqui uma relação sobre a questão natural de sermos seres falantes e comunicativos, e que, em uma caminhada conjunta, somos capazes de gerar uma comunicação que proporcione aprimoramentos, de modo constante, à habilidade da fala, das relações e das expressões entre as pessoas e o mundo.

No que se refere à produção de conteúdo com linguagem sonora, a partir da sistematização de informações, estrutura de pensamento, lógica da expressão, entendemos que esta é uma interessante alternativa para facilitar processos coletivos e interdisciplinares de aprimoramento da oralidade e da escrita desde criança.

Assumpção (2008, p. 71) nos mostra que,

[...] a criança ao chegar à escola já domina o ato de falar e de comunicar-se de forma verbal e não verbal. Esse ato de falar é praticado por ela, desde os seus primeiros anos de vida no núcleo familiar e com seus pares. Isso significa que ela domina os códigos da língua oral.

Certamente, há exceções nesta afirmação de Assumpção, entretanto, este é sim um contexto presente na vida e formação de parte dos sujeitos em sua história desde criança, e isso, na escola ou nos espaços educativos informais, pode ser potencializado com a utilização de atividades que abrangem a linguagem sonora.

É uma oportunidade para facilitar processos de questionamentos, construção de argumentos, discursos de modo diferente de uma leitura tradicional de livros, apostilas ou informativos, pois seu conteúdo pode ser elaborado pelas próprias pessoas que expressam as narrativas a partir de suas experiências e vivências. E mais: elaborados de modo coletivo, colaborativo e criativo.

Na demonstração de uma atividade em rádio escola, por exemplo,

A rádio ao valer-se da audição e da fala, prima por uma linguagem de fácil decodificação pelo radiouvinte. Por isso, o texto em rádio deve ser redigido previamente, num estilo de comunicação-oral, valendo-se da voz do locutor, do silêncio e da sonoplastia que dão vida, colorido e desempenho à programação, levando os 'radiouvintes' (nesse caso, os alunos) ao mundo onírico, ao mundo da imaginação (Assumpção, 2008, p. 72).

E, para além de uma prática que proporciona o aprimoramento das habilidades e competências linguísticas em uma ação individual, apreendemos que, a partir da abordagem educomunicativa, essa construção valoriza as realidades dos sujeitos que participam da ação, em um movimento de colaboração mútua, com espontaneidade, criatividade e espírito crítico, que proporcionam a reflexão a cada etapa do processo de construção dos produtos comunicacionais.

Com a educomunicação, consideramos uma coexistência com as fragilidades e potencialidades de cada ser e, especialmente, entendendo que é necessário atentar-se à apreensão e consciência da leitura de mundo de cada sujeito, antes mesmo da leitura da palavra elaborada/criada, pois ela é carregada de significados que não podem ser ignorados nas relações entre as pessoas participantes e suas respectivas vivências e expressões.

Por isso, entendemos a educomunicação como fruição que gera afeto e está para além da produção. É caminho conjunto, de co-participação durante o processo de elaboração de qualquer elemento comunicativo. E neste caminho de relações entre os sujeitos há pontes essenciais, pois não somos seres isolados em nosso pensar, como nos ensina Freire (2006).

[...] O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um 'penso', mas um 'pensamos'. É o 'pensamos' que estabelece o 'penso' e não o contrário (Freire, 2006, p. 66).

E é nesta direção que o caminho das palavras e da comunicação se encontram, no cruzamento da dialogicidade comunicativa, do ato comunicativo que gera reciprocidades entre os comunicantes, com sentidos e significados comuns.

Por isso, apreendemos a leitura e a produção que considerem o contexto em que as pessoas comunicantes estão inseridas, para que os discursos e formações discursivas não sejam reverberados de forma ingênua e mecânica, sem observação atenta dos seus significados e conotações político-sociocultural-ideológicas (Baltar, 2009). Este entendimento é essencial para a

construção de uma comunicação consciente e em sintonia com os objetivos de cada sujeito no processo educacional.

Nossa trilha da educomunicação sonora para cidadaneAR

As ações de educomunicação sonora do grupo REC são organizadas com base em experiências de outros projetos de extensão coordenados no âmbito do então Departamento Acadêmico de Jornalismo (Dejor) da Universidade Federal de Rondônia (Unir), extinto em 2019, localizado no município de Vilhena, interior do estado.

São projetos realizados desde 2010 em escolas da rede pública de ensino, como oficinas de educomunicação sonora socioambiental na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marechal Rondon (Conde, 2013), na Escola Estadual de Ensino Fundamental Deputado Genival Nunes da Costa (Conde; Silva; Maia, 2019), no Programa de Formação Continuada Mídias na Educação (Conde, 2016); em projetos desenvolvidos com mulheres vinculadas aos Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de diferentes municípios de Rondônia (Conde, 2015); e com as juventudes de Projetos de Assentamento (PA) localizados na região da Fazenda Santa Elina, em Corumbiara (Conde, 2017).

Estas ações, ao longo de 15 anos, demonstram a persistência de projetos com o uso da linguagem sonora como facilitadora de processos de trocas e vivências que valorizam a dialogicidade, as relações por meio das expressões dos sujeitos, e a potência da oralidade em produções colaborativas em diferentes espaços de aprendizagens.

Não se trata apenas do resultado do produto sonoro, mas das relações dos sujeitos participantes entre si e com o mundo para a construção deste produto. É um alfabetizar em comunicação na direção do direito do homem-mundo e da mulher-mundo a dizerem o que vivem e sonham. De serem, como destaca Martín-Barbero (2014, p. 38), “tanto testemunhas como atores de sua vida e de seu mundo”.

Já no âmbito do Departamento Acadêmico de Comunicação (Dacom) da

Unir, instalado em 2020 em Porto Velho, capital de Rondônia, os projetos de educomunicação sonora estão reunidos no Programa de Extensão Educomunicação Rondônia (PEducom RO), institucionalizado e ativo desde 2022.

O PEducom abrange ações extensionistas com foco na interface da comunicação com a educação em espaços de educação formais, não formais e informais. São formações ou projetos de extensão em unidades escolares da rede pública de ensino, no ambiente de vivências de comunidades tradicionais ou territórios de povos indígenas de Rondônia, sempre em articulação com coletivos populares, organizações não governamentais e demais instituições da sociedade civil sem fins lucrativos, que comungam dos princípios da comunicação comunitária (Peruzzo, 2009).

Neste sentido, as ações tem como participantes comunidades com sujeitos que expressam suas lutas por melhores condições de vida, por direitos, e que se sintam mais do que colaboradores na construção de uma pauta, mas sim produtores, fazedores das peças comunicativas de anúncios e denúncias (Freire, 1997) sobre suas vivências, suas culturas e as ameaças aos seus territórios.

Para isso, materializamos as ações a partir de estratégias sintonizadas com a forma como apreendemos a nossa coexistência no mundo. Utilizamos a nossa sigla REC como guia, com R de *relações*, E de *expressões*, e C de *cidadaneAR* (Conde; Melo, 2023).

Começamos pela forma como entendemos as *relações*, como sentido de estarmos com o/s outro/s, e também como nos relacionamos com o mundo e a realidade (Freire, 1979). Relações de uma textura dialógica que coloca o “eu [que] só se torna real na reciprocidade da interlocução [...]”, isto é, no diálogo que se tece na abertura ao outro e descobre “na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam” (Martín-Barbero, 2014, p. 33).

Por conseguinte, vêm as *expressões*, como forma de falar, reverberar a palavra, os anúncios e denúncias da/s vida/s em constante transformação, tendo

como direção comum o exercício comunicativo para a luta da garantia dos direitos em diferentes contextos e situações. Considerando a ação da expressão como uma emergência do sujeito.

Ao mesmo tempo que é ação, a linguagem é *expressão*. Expressão entendida não como uma função particular da linguagem, nem como um tipo de discurso frente aos outros, mas como sua potência primordial: a de fazer existir a significação. Daí que estudar a expressão não consiste em buscar a informação que ela pode oferecer sobre o mundo interior e escondido do sujeito, mas buscar a maneira como o sujeito habita a palavra, dar conta da experiência que o falar é para o sujeito (Martín-Barbero, 2014, p. 35).

Deste modo, a expressão é carregada de sentidos e significados que existem para cada sujeito em suas experiências e vivências, que contribuem para uma percepção sobre como nos apropriamos no e com o mundo, e nas relações com os outros.

No que se refere à cidadania, compreendemos o termo não apenas como um conceito que abrange direitos civis, políticos e sociais (Marshall, 1967); mas uma palavra em movimento coletivo, colaborativo, em ação, num *cidadaneAR* como verbo revolucionário sempre ativo, no *AR* que nos mantém vivos/os, em que “[...] eu cidadaneio, nós cidadaneamos, isto é, fincamos os pés no espaço dignificado pela vida. [...] É possível cidadanear com [...]” (Alves, 2021, p. 44). Um caminho a percorrer juntas e juntos, no chão da realidade concreta de vivências que nos afetam, pois apreendemos que estamos e somos coexistência com todos os seres vivos neste mundo.

Nosso *cidadaneAR* é uma expressão que reflete o exercício constante proposto nas ações educacionais do grupo REC, que encontra nas diferentes paisagens e pessoas as possibilidades de processos com experiências que enriquecem as produções e oportunizam a divulgação de diversos assuntos ligados às pautas comunitárias. Por isso, escolhemos *cidadaneAR* educacionalmente pelas redes sociais, que, embora sejam espaços estratégicos para expansão do capitalismo (Donato, 2021), utilizamos este caminho como lugar para reverberar narrativas que jamais repercutiriam em veículos de comunicação tradicionais.

O saudoso professor Ismar Capistrano Costa Filho (2020), em seus

escritos sobre rádios comunitárias, nos impulsiona a refletir sobre a cidadania no contexto de uma comunicação engajada, que pode ser compreendida de diversas formas, especialmente quando abrange a luta pelo direito à comunicação, seja pelas vias da apropriação dos meios e da luta pelo reconhecimento jurídico e social, ou pela negação de uma inclusão imposta pelo sistema político-jurídico estatal.

Seja de modo formal ou informal, o exercício da comunicação pelas comunidades está para além das legalidades e pode ser exercido, de modo autônomo e crítico, por quem vive a negação dos direitos e do seu apagamento social. Aqui, não discutiremos as produções das e para as rádios comunitárias, mas entendemos que a reflexão de Costa Filho nos ajuda a trilhar um cidadaneAR educ comunicativo de forma alternativa e socialmente comprometida.

No que se refere ao formato das produções sonoras resultantes das ações extensionistas do grupo REC, divulgadas nas redes sociais e em plataformas de armazenamento de áudio, apreendemos o que Kischinhevsky (2024) explica sobre o conceito de rádio expandido, em que a produção é realizada sem fluxo contínuo, não divulgada em tempo real, inserida numa lógica digital, mas que guarda relação com o veículo rádio e sua linguagem.

Nesta direção, portanto, fazemos *podcasting*, isto é, uma produção denominada uma nova prática radiofônica neste novo conceito em alusão ao rádio, como um “[...] prisma, um olhar ampliado sobre a mídia sonora, que não abarca mais apenas radiodifusores, mas também novos atores do entorno digital”, como define Kischinhevsky (2024, p. 40) ao analisar os escritos do autor alemão Bernhard Siegert.

No campo pedagógico, desde as primeiras experiências sistematizadas de educomunicação sonora no âmbito do extinto Dejor/Unir, utilizamos a Taxonomia de Bloom, e seus domínios Cognitivo, Psicomotor e Afetivo (Bloom; *et al*, 1956), para facilitar os processos de organização, desenvolvimento e avaliação de nossas ações.

Consani (2007), na obra *Como usar o rádio em sala de aula*, nos ajuda a

compreender os objetivos pedagógicos – Conteúdos, Habilidades, Atitudes – e sua interrelação com os usos do rádio e os domínios da referida taxonomia.

Quanto aos Conteúdos, nas atividades que envolvem o rádio ou a linguagem sonora, o Domínio Cognitivo considera a área de aprendizagem que abrange conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação por parte do sujeito; nos usos do rádio, são facilitados a abordagem de todos os conceitos, a ampliação do universo cultural, o domínio tecnológico e a assimilação do processo comunicativo.

No que se refere às Habilidades, o Domínio Psicomotor trabalha com a percepção, resposta conduzida, automatismos, respostas complexas, adaptação e organização; com os usos do rádio, contribui aos processos de pesquisa de temas, seleção de informações, expressão oral, expressão escrita, diálogo com o mundo, diálogo com a comunidade, desenvolvimento do pensamento complexo e holístico.

No terceiro objetivo pedagógico, as Atitudes se voltam ao Domínio Afetivo, em que a recepção, resposta, valorização, organização, internalização de valores, somados aos usos do rádio, dialogam com a capacidade de trabalhar em equipe, estimula à atenção auditiva, ao compromisso ético, à opinião pessoal e à dedicação a uma causa coletiva.

Estas são aproximações do *quefazer* pedagógico para os usos do rádio, como forma de compreender que, para além da proposta de uma atividade de escrita e oralidade, a materialização desta ação envolve a linguagem sonora a partir de diferentes aspectos que contribuem para o protagonismo dos sujeitos participantes das atividades.

Contribuem, ainda, ao planejamento para pesquisa e sistematização de informações, ao exercício crítico da expressão de narrativa dos fatos vivenciados, sempre considerando que cada pessoa tem seus processos de assimilação, e que, com a abordagem educomunicativa, é acolhida num ambiente democrático, com partilha de saberes e comunicação dialógica.

Práticas extensionistas de educomunicação sonora do grupo REC

Destacamos nesta seção uma breve contextualização das ações extensionistas que abrangem a educomunicação sonora do grupo REC, com objetivo de demonstrar como é materializada a interface da comunicação sonora com a educação nos ambientes em que atuamos.

São as ações: projeto de extensão Educomunicação Sonora nas Escolas, em unidades escolares de Porto Velho, capital de Rondônia, realizado semestralmente, desde 2022; curso de extensão Educomunicação Sonora para CidadaneAR, junto às juventudes indígenas, em parceria com as organizações Associação Etnoambiental Kanindé (Kanindé) e a Ação Ecológica do Guaporé (Ecoporé); e projeto de extensão Jornada Regional de Educomunicação: somos as vozes da terra, águas e florestas, realizado em três territórios de Rondônia no decorrer de nove meses, nos anos de 2024 e 2025.

O projeto de extensão Educomunicação Sonora nas Escolas é uma forma de levar reflexão e prática coletiva de produção sonora para estudantes da educação básica da região periférica do município de Porto Velho, capital de Rondônia. A ação consiste em organizar encontros para diálogos e oficinas semanais, com duração de duas a três horas, no contraturno das aulas, durante três meses. As escolas participantes são aquelas que manifestam interesse em receber o projeto, a partir do preenchimento de um formulário divulgado no início de cada ano, em chamamento público nas redes sociais do grupo REC.

Até 2024, seis escolas fizeram parte da ação, com participação de 207 estudantes, entre matriculados na rede básica de ensino e bolsistas e voluntários do grupo REC, graduandos dos cursos de Jornalismo, História, Pedagogia, Letras, Teatro e Artes Visuais da Unir, *campus* Porto Velho.

A ação é realizada em uma escola diferente a cada semestre, com rodas de diálogos sobre desinformação, leitura crítica da mídia, trocas de ideias sobre temas relacionados aos direitos da educação e das comunidades no entorno escolar, estímulo à audição atenta de produtos sonoros, oficinas práticas e coletivas de pesquisa de conteúdo, criação de roteiro, locução, gravação e edição

sonoras, sempre de modo coletivo.

A prática educomunicativa sonora no ambiente de educação formal proporciona uma diferente forma de diálogo entre estudantes e professores sobre temas que podem, para além de dialogados, ser pauta de *podcast* dos grupos participantes, construído passo a passo, no decorrer dos encontros realizados durante as semanas de materialização do projeto.

As atividades estimulam os domínios Cognitivo, Psicomotor e Afetivo, em elaborações que exigem a abordagem de conceitos, pesquisa de temas e a capacidade de trabalho em equipe. Ao final, as produções desenvolvidas são exibidas para todas/os participantes para uma avaliação coletiva, em que são apontadas observações acerca dos elementos apresentados, considerando o conteúdo, seu direcionamento e atendimento ao objetivo inicial.

Esta é uma das formas de avaliação do projeto, com objetivo de socializar os diferentes pensamentos entre os grupos e proporcionar aprimoramento de domínios importantes relacionados ao objetivo pedagógico no campo das Atitudes, como a atenção auditiva e a opinião pessoal como forma de colaborar com a produção diversificada de cada grupo (Consani, 2007).

Todas/os participantes que frequentam, no mínimo, 75% dos encontros, recebem certificado emitido pela Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Rondônia (Procea/Unir).

Durante o período em que ocorrem os encontros, registramos as etapas do projeto, em fotos e vídeos, com consentimento dos sujeitos e autorização de suas/seus responsáveis. Os registros podem ser acessados no perfil @rec.unir, no Instagram, especificamente, no destaque Educom (REC, 2025).

Outra ação que desenvolvemos, em parceria com as organizações Kanindé e Ecoporé, é o curso de extensão Educomunicação Sonora para CidadaneAR. Ao ter conhecimento das ações extensionistas educomunicativas do grupo REC, as referidas organizações formalizaram convite para um diálogo sobre o conteúdo e metodologia dos encontros, bem como a participação de representantes da juventude dos povos originários para discussões e adaptações dos temas

geradores de cada trilha pedagógica, sempre com dialogicidade, inclusive, no decorrer dos encontros reflexivos e práticos da extensão.

Neste curso, a logística e os procedimentos técnicos para sua materialização, bem como financiamento para deslocamentos, alimentação e hospedagem dos sujeitos participantes, oriundos de territórios indígenas de longas distâncias no estado de Rondônia, sul do Amazonas e noroeste do Mato Grosso, foram feitos diretamente pelas organizações Kanindé e Ecoporé.

A carga horária oficial da formação é 20 horas, entretanto, como é realizado em finais de semana, como uma espécie de imersão, as relações e expressões com as/os participantes acabam ultrapassando o tempo estipulado.

Isto demonstra a importância das trocas espontâneas de vivências e experiências, atravessadas por curiosidades e interesses por diferentes assuntos e narrativas entre os sujeitos. Ou seja, seria este um processo de comunicação que “implica numa reciprocidade que não pode ser rompida”, como nos ensina Freire (2006, p. 67).

Falaremos das peculiaridades de cada uma, mas expressando que as relações com os povos originários guardam uma atenção sensível à oralidade, afinal, a tradição oral, a preservação da fala, as expressões dos sons e da reprodução verbal dos saberes dos povos por meio da contação de histórias pelas anciãs e pelos anciões aos mais jovens, são marcas da sua cultura. Nesta direção, muito nos importa ouvi-los, pois é necessário escutar o que os povos da floresta têm a dizer, como “possibilidade de perspectivarmos um mundo possível” (Campesato, 2023, p. 22).

Iniciamos com a ação no Centro de Cultura e Formação da Kanindé, realizada em dezembro de 2023, junto a 21 indígenas de 13 etnias de Rondônia e sul do estado do Amazonas. A proposta foi a criação de 25 episódios de *podcasts*, divididos em cinco temas geradores, debatidos e escolhidos pelas/os participantes, coletivamente, sendo estes: origem ancestral, artefatos vivos, música, comida e lutas.

A atividade envolveu todas as representações étnicas presentes, entre

elas: Paiter Suruí, Macurap, Karo Arara, Gavião, Juma, Tupari, Oro Win, Kampé. Houve um diálogo coletivo inicial sobre como cada representante poderia partilhar as informações de seus povos, desde o modo como contar as histórias das etnias, a reunião dos dados sobre os temas geradores, até a redação e gravação do roteiro sonoro.

Foram apresentadas duas formas de expressões comunicativas: por meio de entrevista entre duas ou mais pessoas participantes, ou com roteiros construídos para leitura narrada com informações sobre o tema, com edição que intercalaria canções de cada povo e as falas gravadas, como uma espécie de reportagem sonora.

As/os indígenas também produziram a identidade visual das peças sonoras, com desenhos e grafismos de seus povos, que foram posteriormente digitalizados para confecção dos *cards* para publicação no perfil da Juventude Indígena de Rondônia, no Instagram @juventudeindigenaro.

Os grupos foram divididos com a participação de diferentes etnias, com objetivo de proporcionar trocas de informações das tradições de cada povo de maneira diversificada para elaboração dos episódios dos temas geradores previamente definidos. Por exemplo, nos episódios sobre comida, os representantes dos povos contavam sobre o animal caçado, como era o seu preparo, como poderia ser degustado, demonstrando diferenças de um território para outro.

Assim, estimulou-se naquele espaço informal de saber, o objetivo pedagógico referente aos conteúdos, que, diante do Domínio Cognitivo, proporcionou abordagem de conceitos, ampliação do universo cultural e assimilação do processo comunicativo (Consani, 2007).

A partir de cada diálogo, os grupos se organizavam para a redação daquelas informações, de modo sistematizado, com a finalidade de expressar a narrativa de cada significado do alimento, em uma dinâmica que se repetiu com os demais temas.

Cada grupo tinha uma pessoa facilitadora do REC para auxiliar na digitação

dos roteiros e na preparação das gravações, que foram realizadas em estúdio montado no Centro de Formação da Kanindé.

O processo de edição final dos 25 *podcasts* foi realizado pela equipe do grupo de extensão, com posterior divulgação no perfil do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia, no Instagram, tendo periodicidade e ordem determinadas pelo próprio coletivo indígena.

As ações relativas à produção das pautas, roteiros, gravações foram desenvolvidas nos dias 1º, 2 e 3 de dezembro de 2023. Os processos de montagem, edição e revisões foram realizados no decorrer de todo mês de dezembro de 2023. O trabalho de organização das produções sonoras e elaboração de legendas, a partir das informações compartilhadas pela juventude indígena participante, ocorreu durante todo mês de janeiro de 2024. Os diálogos posteriores aos encontros presenciais ocorreram por meio de um grupo de Whatsapp, para dirimir dúvidas, confirmar dados e ajustar narrações.

A formação educacional foi parte do Eixo “Engajamento” do projeto de Proteção de Povos Indígenas e Tradicionais do Brasil, iniciativa apoiada pelo Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha, por meio da organização World Wide Fund for Nature (WWF), e realizada pelo consórcio de instituições parceiras, com execução da Kanindé.

Já na ação desenvolvida com a Associação Ecológica do Guaporé (Ecoporé), a imersão teve como público-alvo 30 jovens mulheres dos povos Karitiana, Oro Nao’, Apurinã, Cinta Larga, Kaxarari, Paiter Surui, com objetivo de produzir conteúdo para divulgação da cultura de seus povos e territórios, e também como forma de socializar as ações desenvolvidas pelo projeto Regenera, que abrange a regeneração do solo e cultivo de sementes de diferentes espécies nativas de cada território.

As atividades de produção foram desenvolvidas por grupos de etnias que, em três dias de curso, proporcionaram vivências e trocas de informações de cada povo, bem como sobre suas culturas ou criação de narrativas de denúncias sobre algum fato ocorrido nos territórios das mulheres indígenas.

Duas produções são bem especiais em nossa análise nesta formação na Ecoporé, pois abrangem vozes as etnias que menos se expressaram durante os encontros: Oro Nao' e Apurinã. A forma de expressão das indígenas nos dias de trocas de saberes se mostrou muito tímida e sucinta. Entretanto, após os primeiros exercícios coletivos práticos, elas demonstraram habilidades que surpreenderam a todas as participantes, com expressões e falas de denúncias sobre contaminação dos rios e as queimadas na região de suas aldeias.

Isto demonstra a atuação engajada do Domínio Psicomotor que, a partir da percepção das participantes no decorrer das relações com as outras pessoas, ativou nelas certa condição de adaptação que facilitou as habilidades da expressão oral e do diálogo coletivo, elementos de interrelação dos objetivos pedagógicos com os usos do rádio (Consani, 2007).

Foi um exercício interessante que resultou também na entrevista com a indígena Raimunda Rodrigues de Souza Apurinã, sobre a 1ª Brigada de Incêndio da Terra Indígena (TI) Caititu, comandada por ela, em Lábrea, no sul do estado do Amazonas. O tema foi reproduzido no episódio sonoro intitulado Brigada Indígena Caititu, no episódio nº 113 do *podcast* 321 REC, publicado em 2 de abril de 2025 nas redes sociais do grupo REC.

A ação extensionista foi realizada dos dias 17 a 19 de fevereiro de 2025, na sede da Ecoporé, em Porto Velho, e contou com patrocínio da Fundação The Caring Family, com execução da Associação Ecoporé. Os diálogos com as indígenas continuam, com trocas de experiências, dicas técnicas ou conceituais, por meio de um aplicativo de mensagens em grupo no celular.

A última ação a ser relatada neste trabalho é o Estúdio-Floresta REC, montado na aldeia Aperi, território indígena do povo Puruborá, em Seringueiras, interior de Rondônia, durante a Jornada Regional de Educomunicação: somos as vozes da terra, águas e florestas, organizada pelo Coletivo de Jovens dos Povos e Comunidades Tradicionais de Rondônia, com apoio da Comissão Pastoral da Terra em Rondônia (CPT/RO) e do grupo REC. Entre as/os participantes: jovens de diferentes comunidades rondonienses, em número que aumentava a cada

viagem aos territórios.

A logística de deslocamento, alimentação, hospedagens das/os participantes, residentes em diferentes regiões de Rondônia, e a programação das ações, eram planejadas coletivamente, em reuniões prévias entre representantes do Coletivo de Jovens, CPT e REC. As ações do projeto receberam financiamento de editais da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), a partir do Programa de Pequenos Projetos, e também do Fundo Brasil e Fundo Casa Socioambiental.

A Jornada teve um período de realização de oito meses, de maio de 2024 e janeiro de 2025, com visitas a três territórios: Reserva Extrativista Castanheira e Piquiá, em Machadinho d'Oeste; Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, em Guajará-Mirim; e Aldeia Aperi, do povo indígena Puruborá, em Seringueiras. Estas regiões são marcadas por conflitos socioambientais em Rondônia, especialmente no contexto do desmatamento, queimadas, extração ilegal de madeira e uso de agrotóxicos nas monoculturas de soja (Costa Silva, 2015).

No itinerário da Jornada, houve oficina de fotografia; vivências nas comunidades visitadas, com a construção de um memorial de vida com desenhos, expressões gráficas e colagens, simbolizando as lutas dos povos de cada região participante; e, ao final do projeto, uma oficina de educomunicação sonora, desenvolvida nos dias 24, 25 e 26 de janeiro de 2025, na floresta que abriga a aldeia Aperi (Conde; Pestana; Lacerda, 2025).

A ação reuniu equipamentos de captura de som, dois *notebooks* e dois microfones condensadores montados debaixo de árvores, sobre folhas caídas ao chão como nossos tapetes de isolamento acústico, próximo a um igarapé, com som ambiente como trilha sonora incidental para registrar as narrativas de representantes das comunidades participantes.

Nove grupos se formaram, de modo livre, e discutiram suas pautas, que se transformaram em nove episódios sonoros com entrevistas que abrangem o trabalho das comunidades extrativistas, discriminação dos povos de terreiro, demarcação dos territórios indígenas, ação dos defensores dos territórios,

trabalho escravo, contaminação por agrotóxicos, concessão da hidrovía do Rio Madeira, capoterapia, e educação tecnológica na região do Baixo Madeira.

O interessante nestas produções foi a troca de informações e ideias para se chegar ao tema comum para a elaboração dos roteiros, porque os grupos eram compostos por pessoas de diferentes regiões, com realidades distintas. O modo como se articularam para um consenso possível tocou nossa facilitação.

Naquela atividade, presenciamos o senso de solidariedade em cada pauta desenvolvida e a materialização do objetivo pedagógico da Atitude, que, por meio da Domínio Afetivo, com valorização e internalização de valores, proporcionou a capacidade genuína de trabalho em equipe e compromisso e dedicação por uma causa coletiva. Elementos de interrelação dispostos nos escritos de Consani (2007) no que se refere aos usos do rádio e seu contexto pedagógico.

Um exemplo dessa articulação foi a seleção do tema sobre a concessão da hidrovía do Rio Madeira. No lugar da narrativa sobre a cultura do povo originário Karitiana, o grupo entendeu que o assunto escolhido poderia tratar de algo que impactaria muitas outras comunidades, uma denúncia que precisava ser reverberada de modo mais abrangente. A indígena Marilena Karitiana se juntou ao agente de pastoral e ribeirinho, Luciomar Monteiro, para dialogar sobre os impactos da concessão da hidrovía, resultando no *podcast* Hidrovía do Rio Madeira, publicado no dia 4 de junho de 2025.

As gravações sonoras foram feitas com uso do *software Audacity*, que depois de editadas e com inserção de trilhas musicais produzidas na própria Jornada pelas juventudes, foram publicadas nas redes sociais e plataformas de áudio do REC: @rec.unir (Instagram); Canal REC Unir (Youtube), na *playlist* podcast Jornada Educomunicação; e no perfil 321 REC (Spotify).

Em todas as ações descritas, o REC sempre esteve próximo aos grupos de produção, com apoio de estudantes de graduações da Unir e a coordenação do grupo, para facilitar os processos de escuta ativa e partilha de saberes com todas as pessoas participantes, de modo horizontal e exercitando a comunicação dialógica.

As trocas fizeram parte do acolhimento realizado durante todo o processo de deliberação dos temas, definição das pautas, escrita dos roteiros, gravações, sem se prender ao produto final. Isto é, priorizamos o caminhar de cada produção, os passos da trilha do saber, das relações e da elaboração coletiva da peça comunicacional. Tanto é que houve grupo que não chegou a finalizar seu *podcast* de modo integral, e isso foi como um exercício pedagógico de compreensão do tempo de cada sujeito, do pensar de cada pessoa, com suas habilidades e atitudes específicas.

Estas pausas ou incompletudes não são consideradas negativas ou prejudiciais. Pelo contrário, são tempos para aprendizados outros, de acolhimento das diferentes formas de relações do ser no mundo, em uma práxis com estrutura dialógica. Isto é, com uma comunicação com seus conflitos e contradições, a partir das experiências do conviver, com a constituição “[...] em horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo” (Martín-Barbero, 2014, p. 29).

Nestas ações, a avaliação não se deu pelo resultado do produto sonoro, mas pelo modo como o caminho foi percorrido e pela forma como se buscaram soluções e alternativas em coletividade, em suas relações e expressões co-participativas, contrárias à incomunicação (Martín-Barbero, 2014) e ao silenciamento de vozes.

Uma demonstração disso se deu quando, em uma das ocasiões na Jornada, um grupo decidiu reestruturar a narrativa mais complexa por uma abordagem mais simples e direta, no que se refere ao processo de diálogo com as fontes de informação e edição de um determinado produto sonoro.

Esta decisão facilitou a compreensão da mensagem a ser transmitida e deixou as pessoas participantes mais à vontade sobre como expressariam suas experiências. O diálogo resultou no episódio nº 123 do *podcast* 321 REC, intitulado Extrativistas sem auxílio, publicado em 25 de junho na *playlist* Jornada Educomunicação, no canal REC Unir, no Youtube.

Para nós, esta é a força da educomunicação: produzir sentido e afetos

durante as relações e expressões em coletividade. É sobre o processo e não o produto. É sobre caminhar em coletividade, em atividade colaborativa e co-participativa, para o fortalecimento de um ecossistema comunicativo possível, com reflexão sobre o modo de elaboração das narrativas e o movimento para que estas sejam reverberadas. É pensar junto, é estar com, cidadaneando sempre.

Próxima parada...

As considerações em movimento nos levam a refletir que o caminho que trilhamos, da educomunicação sonora para cidadaneAR, é cheio de elementos que nos convidam a apreender os sujeitos, as ações e as coexistências de modo diferente e peculiar a cada ação. Afinal, ninguém é a/o mesma/o depois da entrega às experiências coletivas e colaborativas em comunidade, porque ninguém vive isolado no mundo.

Fazer parte dos processos de fortalecimento de ecossistemas comunicativos da Amazônia é entender que a prática educ comunicativa está longe de ser a simples união de termos de dois importantes campos do conhecimento, mas sim, a soma de uma prática solidária para a transformação social (Soares, 2014).

Neste sentido, entendemos que a nossa caminhada não tem como destino final a divulgação vã, mas a apreensão de que a educomunicação sonora é uma abordagem que parte das relações e expressões colaborativas durante todo o percurso para a materialização de pautas que afetam sujeitos compromissados com uma práxis solidária, sem passividade diante de um mundo a ser (re)conhecido e (ad)mirado em coletividade, negando a incomunicação (Martín-Barbero, 2014).

A linguagem e a oralidade nos unem nas relações pela fala, pela palavra, e na expressão dos anúncios e denúncias, resultantes do *quefazer* de uma comunicação dialógica, criativa, para além da produção pela (re)produção. Uma comunicação na trilha dos seres transformadores do mundo (Freire, 2006), dispostos a investir no processo que contém o afeto como importante e

necessário elemento deste longo caminho rumo ao destino comum e bom para todas e todos. Bora cidadaneAR.

Referências

- ALVES, Luís Roberto. Cidadanear: uma gramática revolucionária. In: SILVA, Denise Teresinha et al. (Orgs.). **Comunicação para cidadania**: 30 anos em luta e construção coletiva. 1 ed. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 2021. pp. 43-76.
- ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Vol 1. Florianópolis: Insular, 2005. pp. 61-98.
- ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves. **A rádio no espaço escolar**: para falar e escrever melhor. São Paulo: Annablume, 2008.
- BALTAR, Marcos. **Rádio escolar**: letramentos e gêneros textuais. Caxias do Sul: EducS, 2009.
- BLOOM, Benjamin; ENGELHART, Max D.; FURST, Edward J.; HILL, Walker H.; KRATHWOHL, David R.. **Taxonomy of educational objectives**. v. 1. New York: David Mckay, 1956.
- CAMPESATO, Maria Alice Gouvêa. Da oralidade à escrita: povos indígenas, História do Tempo Presente e os desafios no campo educacional. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 15, n. 40, dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180315402023e0103>. Acesso em 15 jun. 2025.
- CONDE, Evelyn Iris Leite Morales. Educomunicação Ambiental: rádio como veículo de cidadania na escola Marechal Rondon, Vilhena, Rondônia. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 11, n. 2, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20816>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- CONDE, Evelyn Iris Leite Morales. Rádio na escola: recortes da percepção dos cursistas de Rondônia no fórum sobre mídia sonora do Programa Mídias na Educação. **Rádio-Leituras**. Ano 3. V. 1, jun. 2012. p. 61-82. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/389347123_Radio_na_escola_recortes_da_percepcao_dos_cursistas_de_Rondonia_no_forum_sobre_midia_sonora_do_Programa_Midias_na_Educacao. Acesso em: 15 jun. 2025.
- CONDE, Evelyn Iris Leite Morales. Rádio e comunidades rurais: relatos de oficinas de comunicação em Rondônia. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 92-104, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/1495>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- CONDE, Evelyn Iris Leite Morales. Reflexões e práticas de comunicação e cidadania em assentamentos rurais de Corumbiara, Rondônia. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 08, n. 01, pp. 10-31, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/410>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- CONDE, Evelyn Iris Leite Morales; SILVA, Jamille Batista Ferreira; MAIA, Maíra Carneiro

Bittencourt. Rádio Escolar Genival Nunes: Possibilidades Educomunicativas em Vilhena, Rondônia. In: FERREIRA, Bruno de Oliveira; HASLINGER, Evelin; XAVIER, Jurema Brasil. **Práticas Educomunicativas**. Primeira Edição. ABPEducom.

São Paulo, 2019. pp. 184-197. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/24>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CONDE, Evelyn Iris Leite Morales; MELO, Andrea Aparecida Cattaneo de. 3,2,1 REC: Estudo e produção coletiva de comunicação sonora para a cidadania. In: SOARES, Ismar Oiveira (Org.). **Educomunicação e educação midiática nas práticas sociais e tecnológicas pelos direitos humanos e direitos da terra**. 1 ed. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, 2023. p. 999-1014.

CONDE, Evelyn Iris Leite Morales; PESTANA, Alynne Neylane Machado; LACERDA, Joshua Rodrigues. Práticas educomunicativas nos territórios amazônicos: experiências da Jornada Regional de Educomunicação. **Anais 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, online, 28 a 30 maio 2025. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/20/3316/042220251825176808093d12939.pdf>. Acesso em 12 jun. 2025.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

CONSANI, Marciel. **Educomunicação: o que é como fazer**. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

COSTA FILHO, Ismar Capistrano. Cidadania comunicativa e autonomia comunicativa: lutas pelo direito à comunicação nas rádios comunitárias. **E-Compós**, v. 23, 2020. Disponível em: <https://www.ecompos.org.br/e-compos/article/view/1771/1960>. 12 jun. 2025.

COSTA SILVA, R. G. Amazônia globalizada: da fronteira agrícola ao território do agronegócio – o exemplo de Rondônia. **Confins** (Paris), v. 23, p. 1-30, 2015. Link: <http://confins.revues.org/9949>

DONATO, Mauro. As redes sociais a serviço do imperialismo do capital e dos Estados Unidos. **Revista Fim do Mundo, Marília**, SP, v. 2, n. 6, p. 255–264, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/12687>.. Acesso em: 15 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. Brasil, **Senado Federal**, 1997. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/fc8a7ad8-c695-4fd4-9a99-cbe111805a75>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 13.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARSHALL, Thomas Hemphrey. **Cidadania, classe social e status**. Trad. Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**, v.12, n.2, maio-agosto 2009. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/947. Acesso em: 12

jun. 2025.

REC. Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania. EduCom. Disponível em: www.instagram.com/rec.unir/. Acesso em 14 jun. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Educomunicação)

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, 19(2), 15-26, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>. Acesso em: 13 jun. 2025.